

O Marxismo Dissidente de Karl Korsch*

Dave Renton**

Iniciaremos apresentando brevemente os principais eventos da vida de Karl Korsch. Korsch nasceu na Alemanha do Norte em 1886, sendo logo atraído pelas ideias do radicalismo estudantil, durante o período anterior à Primeira Guerra Mundial, que defendia a restauração da Alemanha tendo por base o liberalismo, a democracia e o respeito por outras nações. Ele era um estudante diligente e rapidamente obteve um doutorado em Direito. Korsch, com apenas vinte anos, aproximou-se das ideias da esquerda e aderiu ao Partido Social Democrata Alemão (SPD). Contudo, o seu progresso era lento, por isso continuou se identificando com o centro ou com a ala direitista do partido. Entre 1910 e 1914, Korsch morou na Inglaterra, onde ele se uniu à moderada Sociedade Fabiana. Korsch serviu ao exército, pegou em armas, foi promovido, e foi radicalizado novamente pela guerra. Depois disso se aliou ao Partido Social Democrata Independente (USPD). Nessa época, concentrou sua atenção nos conselhos operários e na luta deles pelo controle da indústria, apesar de que essa ideia ainda não tenha sido desenvolvida completamente e não tenha se tornado o coração de sua política (tal como foi para Gramsci nesse período) e outros mais tarde. Com os acontecimentos que dividiram o USPD, Korsch seguiu uma minoria dos seus camaradas e aderiu ao Partido Comunista Alemão (KPD) em 1920. Como era muito talentoso e articulado, numa época em que tais homens eram raros, ele foi elevado rapidamente aos principais círculos do partido. Em 1923, ele se tornou o Ministro de Justiça para o parlamento regional na Turíngia, depois foi eleito ao parlamento alemão e participou na tentativa de revolução em outubro de 1923, que fracassou por falta de liderança ou qualquer tipo de plano.

Korsch se defrontou, na maior parte do resto de sua vida, com um movimento operário em refluxo. Isso acabou se refletindo na carreira de Korsch, marcado pelo mesmo senso de isolamento em relação a qualquer movimento de massa. O KPD trocou rapidamente de lado, indo à esquerda, depois à direita, e então rachou novamente, expulsando seus líderes

* Tradução de Nildo Viana.

** Dave Renton: autor de diversos livros sobre fascismo, marxismo, entre os quais *Marxismo Clássico; Marxismo Dissidente; Marx e a Globalização; Fascismo Britânico: O Movimento Operário e o Estado; O Partido Comunista da Grã-Bretanha nos anos 20; Trotsky; Fascismo: Teoria e Prática.*

prévios em cada fase. Em 1923, o primeiro livro significativo de Korsch, *Marxismo e Filosofia*, foi criticado pela liderança da Internacional Comunista. Korsch tentou reunir uma oposição comunista internacional, buscando se unir à Esquerda Comunista Italiana, de Amadeo Bordiga, sem sucesso. Ele foi expulso do Partido Comunista Alemão em 1926 e perdeu o seu assento no Parlamento alemão dois anos depois. Ele tentou influenciar o movimento comunista apelando para figuras proeminentes que eram de sua amizade na esquerda internacional, inclusive Bertold Brecht.

Korsch continuou escrevendo ensaios para as revistas da esquerda estrangeira (*Council Correspondence*, *Partisan Review*, *Modern Quarterly*, *New Essays* e *Living Marxism*) e uma obra sobre Karl Marx em 1938. Ele continuou publicando até os anos cinquenta, mas o seu trabalho sofre de seu sentimento evidente de frustração. O mundo estava sendo dividido em alianças políticas pela Guerra Fria, e Korsch percebeu que havia um espaço muito pequeno para qualquer esquerda autêntica poder florescer. Ele morreu em 1961.

Este resumo faz pouca justiça à gama das atividades de Korsch, e principalmente para a originalidade das suas ideias. Karl Korsch enfrentou os mesmos dilemas que afligiram a esquerda desde então e tentou, tão honestamente quanto pôde, traçar um caminho para o renascimento do comunismo libertário. Independente de aceitarmos ou não suas respostas, elas nos encorajam a pensar em forças que permanecem atuantes muito frequentemente ainda hoje.

Nos anos vinte, por exemplo, Korsch tentou entender o que tinha conduzido à sua expulsão do Partido Comunista. Justamente, ele diagnosticou o problema como algo mais que um fracasso do senso de justiça no seu próprio caso isolado. Ele descobriu uma falta de espírito independente, uma subserviência muito forte em relação a uma liderança designada por Moscou. Realmente, Korsch foi além dessa constatação e insistiu que o problema estava na concepção leninista de organização que os comunistas alemães tinham herdado de Moscou. Ele viu forte paralelo entre o leninismo com o marxismo não-revolucionário dos socialistas alemães do pré-1914. O centralismo democrático teve a tendência, segundo Korsch, de sempre sujeitar as massas às decisões do líder.

No final dos anos vinte e início dos anos trinta, Korsch identificou no stalinismo (capitalismo estatal), como a fonte dos novos problemas da época. Korsch descreveu, em um artigo, a filosofia administrativa da União soviética como “uma mera justificativa

ideológica do que, em sua tendência atual, está presente nos estados capitalistas e por isso é, inevitavelmente, um estado baseado na supressão do movimento revolucionário progressista da classe proletária”. A classe dominante russa oprimia os trabalhadores em seu próprio país, como poderia, pois, ter um papel progressista no exterior? Korsch também criticava outras figuras na esquerda, como Leon Trotsky, que defendeu a tese de que a União soviética pudesse ser salva por um processo de reforma sem revolução. Em contraste com tais escritores, Korsch manteve a posição de que a contrarrevolução stalinista foi mantida por um processo global antissocialista, embasado na hegemonia da indústria pesada. Da mesma forma que no século 19 esse processo resultou no capitalismo, no século 20, a acumulação de capital e a formação de empresas gigantescas resultaram em novas oligarquias, baseadas na reação extremista e antiproletária.

A ascensão de Hitler e dos nazistas ao poder forçou o exílio de Korsch. Isso também foi um desafio para sua análise sobre as crises. Inicialmente, Korsch considerou que o nazismo tinha origem semelhante ao do fascismo, reformismo e stalinismo. O seu argumento, nessa época, era o de que o capitalismo tinha entrado em um período de crise. Em tal situação, a classe operária poderia tanto optar pela ofensiva como pelo refluxo. Na metade dos anos 1920, a tendência apontava para a derrota em todos os lugares. Em uma época de contrarrevolução, não importava realmente qual forma de reação triunfava, contanto que seu predomínio fosse reconhecido pelos socialistas como uma derrota. Nesse contexto, Korsch defendeu a ideia de que a democracia burguesa poderia voltar, da mesma forma que o fascismo. O resultado, como ele descreveu, era um mundo no qual fascismo se tornou a norma: “a lei histórica subjacente, a lei da contrarrevolução fascista, completamente desenvolvida em nosso tempo, pode ser formulada da seguinte maneira: depois do esgotamento completo e derrota das forças revolucionárias, a contrarrevolução fascista tenta cumprir, através de métodos novos e revolucionários e em formas extensamente diferentes, essas tarefas sociais e políticas que as frações denominadas reformistas tinham prometido alcançar, mas que já não poderiam ter sucesso sob determinadas condições históricas”.

No exílio, Karl Korsch revisou sua concepção de fascismo. Ele percebeu posteriormente que o fascismo não era apenas mais uma força reacionária visando esmagar os trabalhadores, mas também um movimento de massa que por causa de sua máscara de organização pseudorrevolucionária pôde recrutar grandes quantidades de trabalhadores comuns e usar a energia deles de forma inesperada. Revendo suas posições anteriores, ele

passou a aceitar que o fascismo teve apoio popular: “alimentando pelas derrotas e omissões dos políticos, associadas ao seu apoio ao nacionalismo, e, no final das contas, a resolução que o fascismo promoveu dos problemas que atingiam os campos econômicos e políticos e que cuja solução foi negligenciada ou frustrada devido as atitudes antissocialistas dos socialistas e o comportamento antidemocrático dos democratas”.

Em outro lugar, Korsch insistiu na contradição entre o que o fascismo promete e os resultados que seu governo promove. O “nazismo apresenta o espetáculo de uma ação revolucionária ruidosamente anunciada que, simultaneamente, tenta controlar e reduzir a um mínimo os resultados inevitáveis de seus próprios esforços subversivos”. Esta perspicácia significou que o fascismo pode ser tratado como um todo, único, mas contraditório. A ênfase nas tensões no interior do fascismo permitiu a outros marxistas discutir a possibilidade de barrar o fascismo, mas somente se o movimento socialista se unisse em sua totalidade contra ele. No caso de Korsch, este avanço teórico só foi possível depois que seu autor perdeu o contato com qualquer movimento de massa. Korsch estava agora correto nos seus diagnósticos abstratos, mas não pôde formular nenhuma sugestão ativa sobre o que deveria ser feito de fato.

A contribuição prática mais importante de Karl Korsch era questionar o marxismo do início do século 20, ou, implicitamente, qualquer movimento de luta da classe operária, que possuía apenas um caráter reformista. Por isto ele afirmou que era absurdo usar as ferramentas históricas e intelectuais de tradição de esquerda para qualquer propósito diferente na revolução futura. A ideia de uma historiografia socialista, uma teoria marxista das artes ou uma teoria anarquista da evolução, era, para ele, igualmente absurda. A única fonte legítima da esquerda era encorajar luta da classe operária no sentido de uma revolução imediatamente efetiva. Ele desenvolveu tal ideia a partir da prática dos socialistas alemães após 1914, momento em que o partido foi capturado por líderes intelectuais que eram instruídos e simpatizantes do socialismo, mas que não possuíam nenhuma perspectiva revolucionária. A desconfiança de Korsch em relação aos intelectuais foi fortalecida pelos eventos dos anos trinta. Escritores proeminentes declararam apoio à União soviética e para toda e qualquer causa popular, menos para uma transformação real, o que deixou Korsch enfurecido.

Korsch criticou também o marxismo literário acadêmico por compartilhar defeitos semelhantes aos do marxismo de partido. Defendendo a tese de que a revolução era sempre

possível e iminente, lhe faltou qualquer senso real dos avanços e recuos do movimento dos trabalhadores. Esta falta de perspicácia o privou de qualquer senso das tarefas imediatas que poderia empurrar a organização para frente, localmente ou nacionalmente. Nosso crítico brilhante da inatividade socialista estava sendo, desta forma, um ativista surpreendentemente pobre. Ele raramente escreveu sobre movimentos populares. Ele pouco se interessou por questões de tática ou organização. A educação de classe média de Korsch o isolou do movimento dos trabalhadores. Ele estava marcado pelo desprezo pelo reformismo e pelo envolvimento nas campanhas fáceis pela paz ou contra o fascismo. Ele estava isolado devido ao processo de ascensão do stalinismo nos partidos de esquerda na Alemanha. Ele não tinha nenhum lugar para ir, restando apenas publicar de livros. O marxismo de Korsch se tornou uma revolução contra o mundo.

A tarefa que Korsch estabeleceu para ele mesmo, levar adiante as ideias da democracia revolucionária durante uma época de não-revolucionária, apesar disso, ainda era um trabalho valente e necessário. Frequentemente, ao longo de história, indivíduos solitários levaram adiante as ideias da esquerda revolucionária. Elas são ocultadas, mas também são redescobertas. As ideias revolucionárias florescem quando a luta clareia a situação. Isto ocorreu na Espanha em 1936, na Europa depois de 1968, e no mundo inteiro após os eventos de Seattle em 1999. A fonte do isolamento de Korsch era precisamente a recusa dele em chegar a um acordo e é esta firmeza que faz com que suas ideias ressurgam sempre que se desencadeia um desejo de uma transformação real.